

## A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

### uma contação de história com a obra “O Pequeno Príncipe Preto”

#### ETHNIC-RACIAL DIVERSITY IN BASIC EDUCATION:

#### a story telling with the work “The Little Black Prince”

Francisca Joilsa da Silva<sup>i</sup>

Kivia Pereira Queiroz<sup>ii</sup>

Keutre Gláudia da Conceição Soares<sup>iii</sup>

**RESUMO:** Este estudo aborda a diversidade étnico-racial na educação por meio da contação da obra "O Pequeno Príncipe Preto" no projeto BALE Mirim, vinculado ao BALE, que busca democratizar o acesso à leitura. Utilizando uma abordagem qualitativa, descritiva e de pesquisa-ação, analisa a mediação da história em uma escola estadual em Pau dos Ferros-RN. Destaca-se a lacuna na representatividade étnico-racial na literatura infantil e a importância da contação de histórias como prática pedagógica. A pesquisa, conduzida por observação e análise interpretativa, envolveu três crianças participantes que participam do projeto. Este estudo contribui para estratégias educacionais inclusivas à diversidade desde a infância.

**Palavras-chave:** Diversidade étnico-racial. Contação de história. O Pequeno Príncipe Preto. BALE Mirim. Literatura infantil.

**ABSTRACT:** This study addresses ethnic-racial diversity in education through the telling of the work “O Pequeno Príncipe Preto” in the BALE Mirim project, linked to BALE, which seeks to democratize access to reading. Using a qualitative, descriptive and action research approach, it analyzes the mediation of history in a state school in Pau dos Ferros-RN. The gap in ethnic-racial representation in children's literature and the importance of storytelling as a pedagogical practice stand out. The research, conducted by observation and interpretative analysis, involved three children participating

in the project. This study contributes to educational strategies inclusive of diversity from childhood.

**Keywords:** Ethnic-racial diversity. Story telling. The Little Black Prince. BALE Mirim. Children's literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A busca por uma educação inclusiva e comprometida com a promoção da diversidade étnico-racial tem se destacado nos contextos educacionais atuais. Reconhecendo a relevância desse desafio, este artigo propõe discutir como a contação de história, utilizando a obra **O Pequeno Príncipe Preto**, no projeto BALE mirim, vinculado a extensão universitária no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), pode contribuir tanto para a formação leitora e de mediadores de leitura, quanto para uma formação mais inclusiva na escola, com ênfase nas questões étnico raciais.

O Programa BALE tem como objetivo incentivar o gosto pela leitura e democratizar o acesso ao livro, e o BALE Mirim busca viabilizar encontros de mediação de leitura nos quais as próprias crianças assumem o papel de mediadoras. A proposta é incentivar o gosto pela leitura nos educandos, promovendo assim, um ambiente literário e participativo no contexto educacional, encorajando-as a se tornarem protagonistas no processo de formação de leitores.

Com o intuito de contribuir com a formação e autoformação de leitores e discutir sobre a diversidade e representatividade étnico-racial, foi realizada uma mediação de leitura a partir da contação de histórias com a obra **O Pequeno Príncipe Preto**, do autor Rodrigo França. Essa iniciativa contou com a participação de três alunos do projeto de extensão BALE Mirim, desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pau dos Ferros-RN.

Durante a mediação foi utilizada a estratégia da andaimagem (GRAVES; GRAVES, 1995). Essa estratégia promove a compreensão do aluno durante a leitura e é caracterizada por duas fases distintas: o planejamento e a implementação. Na primeira fase, o professor/mediador avalia o interesse e a realidade da turma para selecionar o livro apropriado e determinar as estratégias e recursos a serem utilizadas. Na segunda fase, que é a implementação, o professor põe em prática o plano estabelecido, essa fase tem uma sequência de: pré-leitura, durante leitura e pós-leitura.

A literatura infantil desempenha um papel importante no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, influenciando a forma como percebem o mundo ao seu redor. No entanto, a representatividade étnico-racial ainda é uma lacuna em muitas narrativas, privando crianças da experiência de se identificarem com personagens que refletem sua própria imagem, bem como outras formas de diversidade. Nesse contexto, este estudo pretende identificar a importância da representatividade étnico-racial na literatura infantil como um passo significativo rumo a uma educação mais inclusiva.

A contação de história, como prática pedagógica, oferece uma abordagem envolvente e participativa para a construção de valores e conhecimentos. Ao explorar a obra **O Pequeno Príncipe Preto** nesse contexto, pretendemos relacionar a prática da contação de história ao potencial

educacional dessa obra, destacando como ela pode ser utilizada para promover reflexões sobre a diversidade étnico-racial de maneira acessível e atraente, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de leitores e de mediadores de leitura.

A relevância deste estudo justifica-se a partir da necessidade de estratégias educacionais que abordem as desigualdades étnico-raciais desde a infância. Ao focar na narrativa da obra **O Pequeno Príncipe Preto**, almejamos apresentar a estratégia da contação de histórias e aportes teóricos que possam contribuir para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e sensíveis à diversidade étnico-racial a partir da literatura.

Para alcançar os objetivos propostos, o artigo está estruturado da seguinte forma: na seção seguinte, exploraremos a base teórica relacionada ao tema em discussão. Em seguida, detalharemos a metodologia utilizada para coletar e analisar os dados. Posteriormente, apresentaremos os resultados obtidos durante a pesquisa e na sequência, discutiremos os resultados alcançados e as discussões levantadas.

## 2 UMA VIAGEM CULTURAL PELA LITERATURA INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de história nasce juntamente com a humanidade, sendo esta uma prática aperfeiçoada pelo homem ao longo dos séculos, pois desde sempre o ser humano utilizou a imaginação para relatar suas experiências de vida, ou até mesmo criar histórias fantasiosas. Assim, é através da oralidade que muitos fatos históricos fizeram e fazem parte do passado de cada povo, tendo como suporte as narrativas cultuadas como histórias contadas oralmente. Apesar das grandes transformações que ocorreram ao longo do tempo na humanidade, a prática da contação de história persiste até hoje, de diferentes formas, pois contar histórias é tão importante quanto ouvi-las.

Assim, a contação de histórias permanece como uma arte viva, um elo entre o passado e o presente, enriquecendo a experiência humana e preservando cada cultura. Em cada palavra narrada, reside a continuidade de uma tradição valiosa, alimentando a essência da humanidade ao longo da jornada incessante do contar e do ouvir.

Sobre esse aspecto Bedran, aponta que:

Contando a sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. O conto é uma memória da comunidade, em que encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência (BEDRAN, 2012, p. 25).

Na fala da autora, percebemos a importância da contação e do contador de história, pois é através de seu contexto social que o contador se torna um membro respeitado dentro de sua comunidade, e a contação de história é uma prática muito antiga, que perpassa a linha do tempo e se

perpetua na cultura de um povo. Vemos como o conto de tradição oral vem ao longo do tempo dando sua contribuição para que muitas sociedades se desenvolvam e seu povo tenha autonomia de contar e escrever sua própria história, construída na experiência cultural de cada comunidade. Como enfatiza Bedran “[...] podemos considerar que o ato de narrar significa um reencontro de experiências transmitidas de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, capaz de deixar impressos na memória das gerações elementos essenciais à vida em seus diversos momentos” (BEDRAN, 2012, p. 43).

Mediante o exposto, podemos afirmar que a contação de história permite ao indivíduo criar seu próprio cenário, vislumbrando aí novos horizontes de acordo com a vivência de cada um, transformando sua história e repassando um legado cultural para as gerações futuras através das narrativas.

Desse modo, a contação de histórias tem em sua essência vários benefícios, como a conexão com a cultura, a possibilidade de aguçar a curiosidade, a imaginação, melhorar a concentração, a criatividade, enriquecer o vocabulário, ajudar no processo de aprendizado e muitas outras vantagens que a contação e a leitura proporcionam, que, aliadas a diversas funções têm o poder de transformação no pensar e sentir o mundo à nossa volta. Como é abordado por Abramovich:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar.... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...] (ABRAMOVICH, 2004, p.143).

A partir do exposto, observamos que a narrativa não apenas entretém, mas também desempenha um papel fundamental no estímulo à reflexão e na promoção do pensamento crítico. Ao se envolver com uma história, a criança é instigada a pensar, duvidar e questionar. A narrativa se torna uma estratégia para aguçar a curiosidade, incentivando a busca por mais informações e uma compreensão mais profunda dos fatos. Esse processo não apenas amplia o conhecimento, mas também estimula a capacidade de análise e avaliação.

Diante disso, a mediação de leitura se torna uma atividade valiosa no dia a dia da escola, pois como traz Souza, Silva e Motoyama:

[...] Mediar uma história é um processo que envolve uma profunda interação entre o que conta e o que ouve, pois a contação de histórias ou a proferição de um texto é uma ação lúdica que trabalha diretamente com os modos de expressão da língua, mas para além disso, o contador/proferidor usa seu corpo, sua voz, seu espaço e tudo que tem a sua disposição para, a partir de uma perspectiva dialética, desenvolver a aprendizagem e a zona de desenvolvimento iminente de seus ouvintes (SOUZA; SILVA; MOTOYAMA, 2020, p. 8-9).

Como expressado pelas autoras a mediação de uma história é, de fato, um processo multifacetado e enriquecedor, que vai além da simples transmissão de informações. Envolve uma interação profunda entre o contador/proferidor e os ouvintes, promovendo uma experiência lúdica e

participativa. Sendo portanto, uma forma de expressão linguística que vai além das palavras escritas. O contador/proferidor utiliza entonação, ritmo e variações na voz para criar uma atmosfera envolvente, transmitindo emoções que vão além do texto escrito.

De acordo com as autoras Souza, Silva e Motoyama, (2020) contar histórias e proferir possuem características distintas, na proferição o mediador utiliza o livro como base, comprometendo-se a ser fiel ao texto impresso. O desafio reside em transmitir as emoções, entonações e nuances presentes na história, tornando a experiência rica. Essa abordagem valoriza a obra original, permitindo que os ouvintes mergulhem na trama por meio das palavras do autor. Por outro lado, na contação de histórias o mediador não está restrito ao texto de um livro, podendo adaptar a narrativa conforme o contexto. Essa liberdade possibilita a inserção de elementos e até mesmo a criação de histórias.

A leitura de histórias oferece à criança a oportunidade de se sentir inquieta e desafiada intelectualmente. Ela é encorajada a questionar o que lê, a considerar diferentes perspectivas e a desenvolver a habilidade de formar suas próprias opiniões. Além disso, a narrativa pode ser um meio de despertar a consciência de que é possível mudar de opinião à medida que novas informações são adquiridas. Em ambas as práticas, o fundamental é proporcionar uma experiência envolvente e enriquecedora, despertando o gosto pela narrativa e incentivando a imaginação.

No que se refere a literatura, segundo Coelho:

[...] para além do prazer/emoções estéticas, a literatura [...] visa alertar ou transformar a consciência crítica do seu leitor/receptor. A literatura infantil provoca emoções, diverte, dá prazer, mas ao mesmo tempo ensina novos modos de ver o mundo, de viver, de pensar, além de estimular a criatividade (COELHO, 2002, p. 29).

Portanto, a literatura é um meio de educação e formação, capaz de ir além do simples entretenimento. Ao envolver as crianças em narrativas ricas e significativas, ela desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral, moldando não apenas as emoções, mas também a compreensão do mundo e as capacidades críticas e criativas.

A autora Coelho (2002, p. 15) enfatiza ainda que “A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.” Nesta perspectiva a literatura infantil proporciona às crianças a oportunidade de explorar diferentes realidades, personagens e cenários. Essa capacidade de imaginar é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e ajuda a construir uma base para o pensamento crítico.

Além disso, muitos livros infantis abordam questões éticas e morais, apresentando dilemas e situações que incentivam as crianças a refletirem sobre o que é certo e errado. Essas histórias desempenham um papel fundamental em moldar os valores e princípios das crianças, contribuindo para sua formação como cidadãos éticos.

Como expressado por Abramovich (2004), a literatura infantil frequentemente aborda temas que podem ajudar as crianças a compreenderem e lidar com uma variedade de sentimentos. Identificar-se com personagens em situações diversas promove a empatia e o respeito, habilidades

sociais essenciais para o desenvolvimento de relações. O convívio com a literatura na escola cria oportunidades para o diálogo entre os alunos e entre alunos e professores. Essa interação proporciona um espaço valioso para a troca de ideias, discussões sobre os temas abordados nas histórias e o desenvolvimento das habilidades de comunicação.

Nesse sentido, a literatura infantil não apenas enriquece o repertório cultural das crianças, mas também fomenta a construção de conhecimento por meio do diálogo e da reflexão conjunta. Assim, ao unir a capacidade de imaginação, abordagem de questões éticas, desenvolvimento da linguagem e exploração de temas emocionais, a literatura infantil emerge como uma ferramenta multifacetada e essencial para o desenvolvimento das crianças e sua formação leitora.

Quando falamos em literatura infantil, devemos estar atentos à literatura infantil negra, pois a partir dela podemos trabalhar a valorização da cultura negra, diante da representatividade de seus personagens e o enredo literário que enaltece a valorização cultural de um povo que colaborou em todo processo de construção social, cultural e econômico do Brasil. Como assinala Gomes:

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população (GOMES, 2003, p. 77).

Dessa forma, como esclarece a autora acima, é essencial trabalhar a identidade e valorização cultural da diversidade étnico racial, para que essas identidades sejam vistas de maneira positiva pela sociedade, já que desde a formação do Brasil, os negros foram marginalizados, levando para gerações futuras a insegurança de reconhecimento da sua identidade e de seus ancestrais.

Visando efetivar as discussões sobre a diversidade racial no Brasil, foi sancionada a lei 10639/2003, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’ [...]”. A partir da lei, foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares como política educacional reparatória como mostra o próprio documento ao abordar que, “Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (BRASIL, 2004, p. 12).

Neste contexto, acreditamos que a leitura literária com literatura negra torna-se um caminho viável para a inserção da temática da diversidade étnico racial no Brasil, pois a literatura pode proporcionar a reflexão de diferentes temas, entre eles as diferenças raciais, levando para todas as crianças a valorização das raízes africanas e reconhecimento da riqueza cultural que é nosso país.

## 2.1 A Literatura Infantil Negra na sala de aula

Estamos cientes da importância da literatura para a aprendizagem infantil, que possibilita que seu desenvolvimento cognitivo e social seja afetado positivamente, levando a criança a ter melhor desenvolvimento em vários aspectos da aprendizagem, pois é na infância que a imaginação está mais “afiada” para aprender. Segundo Zilberman (2003), livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, sendo responsáveis pelos bons momentos que as pessoas não cansam de regressar às lembranças.

Nessa perspectiva, acreditamos no poder transformador da leitura literária na vida das crianças, e como ela é ponte para um mundo de oportunidades e conhecimento. De acordo com Costa (2007, p. 16), a literatura infantil torna-se “[...] objeto cultural, são histórias ou poemas que, ao longo dos séculos, cativam e seduzem as crianças”. Sendo a literatura infantil tão importante, percebe-se que ao longo da história, as crianças pretas não foram representadas nos personagens, pois por muitos séculos, a criança negra não aparecia e quando aparecia era como um personagem de subserviência, ou que denotava características feias, pois o “lindo” era o estipulado pelo padrão europeu. Nesse sentido os personagens principais e com mais destaque eram os brancos de olhos claros.

Como esclarece Munanga, em uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia:

Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2004, p. 5).

Nesse sentido, como o autor citado menciona, “os indivíduos da raça branca, foram decretados coletivamente superiores aos da raça negra e amarela”. Percebemos que são classificações idealizadas por uma minoria que obtinha o poder considerando-se superior a partir dos fenótipos de sua raça “branca”, que se sobrepõe colocando a população negra em situação de escravização. Nesse sentido, entendemos a importância de se trabalhar sobre diversidade cultural, e a representatividade de pessoas pretas nas leituras literárias, dentro e fora da sala de aula, e como a estratégia da contação de histórias e a rodas de leitura trazem o lúdico, tornam a leitura atrativa para as crianças.

Ao mesmo tempo leva o aluno a refletir sobre o que a história está abordando, as ações dos personagens, fazendo com que muitas vezes, as crianças recriem o enredo na imaginação como se fosse o personagem da história, tornando possíveis os sonhos das crianças viajarem por muitos lugares, e se identificarem com os personagens, estabelecendo uma representatividade étnico-racial, pois muitas crianças deixaram de ter em suas leituras essas representações dos personagens, realizando ações que só a literatura é capaz de proporcionar.

Dessa forma, foram muitos séculos de lutas travadas pelos negros para que fossem vistos como pessoas iguais a todos os outros seres humanos, e mesmo já estando no século XXI, esta luta ainda persiste, com muitos movimentos negros que buscam respeito e igualdade social, inclusive na literatura. Atualmente, já temos algumas políticas públicas como as cotas para ingresso na universidade, programas do governo como PROUNI e ENEM, que buscam reverter as desigualdades sociais sofridas ao longo dos anos, especialmente sobre os negros.

Nesse contexto, a lei 10.639/2003, que versa sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, (BRASIL, 2004), foi implementada ganhando maior visibilidade nos espaços escolares, tornando obrigatório o ensino da história e cultura negra, oportunizando a reconstrução das identidades negras, para que assim, sintam-se orgulhosos de suas raízes, pois como sabemos a cultura negra é riquíssima, no entanto não era mostrada, o negro só era visto como escravo, sem conhecimento e sem história.

É nesse sentido, que Lopes entende a identidade negra, quando complementa que:

Na hora, então, em que o Brasil afrodescendente procurar recompor os elos que o unem à sua ancestralidade, em busca da recuperação de toda uma identidade perdida, cabe às lideranças procurarem levar o povo negro a desenvolver sua consciência, para que conheça adequadamente sua realidade passada e presente, pois só isso o levará à reconquista de sua identidade e sua autoestima para ser finalmente produtivo e feliz (LOPES, 2011, p. 211).

Mediante a fala do autor, percebemos que a escola tem um grande papel no resgate da identidade negra, mas que infelizmente ainda precisa de muita conscientização por parte de todo o corpo docente, para conseguir livros de literatura em que o protagonismo negro se faça presente na história. O MEC como iniciativa enviou para as escolas, alguns livros de literatura negra para que sejam trabalhados dentro e fora de sala de aula, mas a verdade é que nem todas as escolas têm a mesma preocupação em trabalhar com essa literatura ou muitas vezes o faz sem nenhum planejamento.

Compreendemos que as leituras realizadas para as crianças sobre as questões étnicas, são de grande relevância para que entendam a pluralidade do nosso país, e possam a partir disso reconhecer que não temos todos a mesma cor de pele, mas todos somos seres humanos com direitos e deveres iguais. Nesse sentido, o papel da escola é fundamental para indicar caminhos possíveis. Concordando com esse ponto de vista, Coelho considera que:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço [...], pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros,

eles estimulam o exercício da mente: a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua (COELHO, 2002, p. 16).

Sobretudo, é nesses espaços que se faz necessário democratizar o acesso do livro literário, tendo em vista que a maior parte dos alunos, só têm acesso a livros literários na escola, pois o livro é um produto muito caro no Brasil, considerando que muitos pais escolhem dar de comer aos seus filhos como regra de sobrevivência, a ter que comprar um livro literário para o deleite. Então, é no espaço escolar que a maioria das crianças se sente enlaçadas pelos encantos literários e aprende desde cedo os benefícios e transformações que a leitura literária pode proporcionar.

Nesse contexto, acreditamos que a literatura com protagonismo negro popularizada em todos os espaços escolares e não escolares, pode contribuir para a construção de um país que no futuro não precise de leis que obriguem a conscientização de igualdade étnicas e que tenhamos mais livros que tratem do negro de forma mais humana, sem preconceito ou racismo.

A inclusão das leituras literárias com protagonistas negros e/ou negras nas escolas é obrigatória, tendo de ser trabalhada com seriedade e com objetivos a serem alcançados, contribuindo com a construção de uma sociedade mais igualitária nos aspectos étnicos raciais e em muitas outras instâncias sociais que requer um olhar mais atento dos espaços escolares e das políticas públicas que são responsáveis por dar melhor qualidade de vida a todos sem distinção.

No seu livro **Torna-se negro** Souza, expõe a importância do negro se reconhecer e valorizar a sua ancestralidade. De acordo com a autora,

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 2021, p. 46).

Compreendemos, o quanto esse tema se faz necessário nas salas de aulas, como a autora coloca, pois é muito importante conhecer a própria história, e enaltece-la fazendo emergir potencialidades antes escondidas ou ignoradas por uma sociedade que via somente o grupo de pessoas brancas como as possíveis esperanças para o desenvolvimento social.

Ao incorporar a literatura com protagonismo negro no currículo escolar, os educadores não apenas enriquecem o aprendizado dos alunos, mas também promovem valores de inclusão, respeito e compreensão mútua, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

### 3 METODOLOGIA

O trabalho adota uma abordagem qualitativa, seguindo as premissas de (MINAYO, 1994), visando um entendimento aprofundado do objeto de estudo. A revisão bibliográfica, embasada nas contribuições de (GIL, 2008), enriquece as discussões ao incorporar perspectivas de autores relevantes sobre a temática em questão. O nosso estudo também figura-se como uma pesquisa explicativa, esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas Gil (2002). O foco desta pesquisa é descrever a mediação de leitura da história **O Pequeno Príncipe Preto**, explorando as concepções das crianças participantes do BALE mirim.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, conforme a definição de (OLIVEIRA, 2007), que vai além do experimento, buscando analisar e descrever detalhadamente os fatos e fenômenos relacionados à mediação de leitura. Também se configura como uma pesquisa-ação, pois é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la, Severino (2013). A coleta de dados baseia-se em observações detalhadas registradas em um diário de campo. Este instrumento foi empregado para documentar momentos relevantes para a análise da mediação de leitura com a contação da história, que se configura como uma técnica utilizada para a realização dessa pesquisa.

Utilizando o método andaimagem (GRAVES; GRAVES, 1995), que consiste na experiência de leitura com andaimes que tem duas fases: “a fase do planejamento e a fase de implementação”. Em que a primeira fase tem que se considerar “o aluno, a seleção do texto e propósitos de leitura”, já na segunda fase “experiência de leitura consiste em pré-leitura, durante leitura e atividade pós-leitura”.

A análise será conduzida a partir das observações anotadas no diário de campo. O objetivo é proporcionar uma descrição detalhada da forma como a mediação de leitura com contação de histórias ocorreu, destacando as percepções e reações das crianças, buscando com isso compreender como a narrativa pode contribuir para uma melhor formação, especialmente no tocante ao entendimento da diversidade racial presente na sociedade.

O público participante do estudo foi composto por três crianças que são participantes do BALE Mirim, sendo eles estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Este projeto é implementado em uma Escola da Rede Estadual localizada na cidade de Pau dos Ferros, no estado do Rio Grande do Norte. Escolher crianças dessa faixa etária e que frequentam o projeto proporcionou uma amostra relevante para nossa pesquisa, de acordo com o tema e o contexto educacional em que estão inseridas.

### 4 EXPLORANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO”

A mediação da história **O Pequeno Príncipe Preto** se mostrou ser muito significativa para os mirins leitores que participam do projeto, tendo em vista que a história apresenta uma temática pouco abordada nos textos literários e que atualmente está se tornando mais presente, que é a cultura negra.

A leitura do **Pequeno Príncipe Preto**, é uma história cativante e que traz em sua essência o protagonismo negro, pois na maioria das leituras literária os personagens principais como príncipes e princesas são brancos, como o próprio livro de Antoine de Saint-Exupéry **O pequeno príncipe**, em que o escritor Rodrigo França ao produzir o livro faz uma reflexão crítica que se pode notar desde o título do livro **O Pequeno Príncipe Preto**, mais em muitos outros aspectos é visto a semelhança entre as obras levando a pensar na obra **O Pequeno Príncipe Preto** como uma releitura da obra de Saint-Exupéry.

O autor apresenta uma roupagem totalmente voltada para a questão étnico-racial, se fazendo presente no título e em todo o enredo da história, pois o personagem principal vai elencando características da valorização de sua cor e suas origens, como podemos ver no trecho do livro que segue.

Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. [...] Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém (FRANÇA, 2020, p. 10-11).

Diante do trecho apresentado, consideramos a obra como de grande relevância para a formação o trabalho com a leitura nas escolas, partindo do pressuposto que uma formação leitora eficiente amplia horizontes rumo a superação de preconceitos, e a escola é uma das maiores responsáveis nesse processo de formação, não podendo ficar a parte sobre as questões sociais que inclui o seu corpo discente, dentre elas a discriminação racial, que muitas vezes se origina dentro de sala de aula.

A história em si, é bem leve e traz alguns pontos parecidos com a obra do **O Pequeno Príncipe**, como o fato de os dois morarem em um pequeno planeta, de poderem conhecer outros planetas, a relação entre a raposa e a ressignificação de valores, como o cativar. Temos alguns pontos que se assemelham, mas a releitura ganhou uma nova significação, como o sonho de conhecer outros planetas que **o pequeno príncipe preto** passa pelos planetas plantando as sementes da Baobá. Como mostra na fala do pequeno príncipe preto:

Existem outros planetas espalhados por esse infinito Universo. Conheço alguns, mas o meu sonho é conhecer todos, um a um. Saber quem mora nesses lugares e o que fazem. Enquanto faço isso, deixo a semente da Baobá, porque quero espalhar por aí o que tenho de mais precioso: ela e o UBUNTU (FRANÇA, 2020, p. 7).

Assim, o protagonista da história passa em diferentes planetas, com culturas diferentes, trazendo uma reflexão sobre valores morais, e espalhando sua própria cultura, já que a Baobá é uma árvore de origem africana que é símbolo de força e resistência. A história traz em sua essência conceitos a partir de temas como ancestralidade, identidade, ética, afeto, religiosidade e cooperativismo.

Para trabalharmos com a obra mencionada na escola, a mediação da história foi realizada de acordo com a estratégia de (GRAVES; GRAVES, 1995), pré-leitura, durante leitura e pós leitura. Iniciamos o momento da pré-leitura com a brincadeira da amarelinha africana, por ter relação com a história como podemos observar nas figuras abaixo:

**Figura 1:** Apresentação da brincadeira



**Fonte:** Arquivo do BALE mirim (2023)

**Figura 2:** Momento da brincadeira



**Fonte:** Arquivo do BALE mirim (2023)

Iniciamos nossa mediação com a brincadeira da amarelinha africana, visando despertar o interesse das crianças em relação à história que iríamos ler. Ao apresentar a brincadeira, conduzimos uma interação com os discentes, realizando os seguintes questionamentos: ‘Vocês já conheciam a brincadeira da amarelinha africana?’ Com essa pergunta, buscamos identificar se as crianças já tinham familiaridade com a atividade, permitindo-nos compreender o nível de conhecimento prévio sobre esse aspecto cultural específico.

‘E por que vocês acham que o nome é amarelinha africana?’ Essa indagação teve como objetivo estimular a reflexão das crianças sobre a origem e peculiaridades da brincadeira. Ao levantar hipóteses sobre o motivo do nome, as crianças foram incentivadas a pensar sobre possíveis conexões com a cultura africana e a história, estimulando a curiosidade e o engajamento, criando oportunidade para a exploração da história que seria mediada posteriormente.

Os alunos, ainda não familiarizados com a brincadeira, expressaram que o nome ‘Amarelinha Africana’ poderia estar relacionado à sua origem na África. De fato, a brincadeira teve sua origem em Moçambique e é uma variação da amarelinha brasileira. Nessa versão africana, a amarelinha é musicalizada, acrescentando um elemento único à experiência de jogo. Nas figuras 1 e 2, é possível observar a organização da amarelinha com o uso de bambolês sequenciados de acordo com o ritmo da música.

Durante a prática da brincadeira, os participantes seguiam o compasso da música, pulando de um bambolê para outro, em uma sequência ritmada. A adição da música não apenas proporcionava uma nova dimensão à atividade, mas também exigia dos integrantes a habilidade de manter o ritmo, tornando a brincadeira uma experiência lúdica e participativa. Essa abordagem diferenciada da amarelinha destaca como as tradições e brincadeiras podem se transformar e ganhar novas características culturais ao serem adaptadas em diferentes contextos.

Em seguida, apresentamos o título da história e a capa do livro para despertar o interesse na história e a primeira impressão das crianças em relação a narrativa. Como podemos observar nas figuras 3 e 4:

**Figura 3:** Apresentando o título e capa da história



**Fonte:** Arquivo do BALE mirim (2023)

Figura 4: Apresentando e explorando o título e capa da história



Fonte: Arquivo do BALE mirim (2023)

Durante o levantamento de hipóteses realizado na pré-leitura, questionamos: ‘De acordo com o título **O Pequeno Príncipe Preto** e as ilustrações da capa, sobre o que trata essa história?’ Imediatamente, os participantes fizeram uma associação com a conhecida história do pequeno príncipe, notando que o título e a estrutura lembram a obra clássica. Surgiu, então, um comentário que ressalta a diferença na cor da pele do protagonista nas duas histórias, observando que, neste caso, o personagem principal é retratado como sendo de cor preta, enquanto na história original a representação era de um príncipe com a pele branca. Essa percepção despertou o interesse do grupo em explorar como essa mudança na característica física do personagem principal poderia influenciar e enriquecer a narrativa, abrindo espaço para discussões sobre diversidade e representatividade.

O momento denominado durante a leitura foi realizado pela proferição, de acordo com Souza, Silva e Motoyama (2011) a contação perpassa por várias estratégias de contação, e a proferição é a leitura realizada em voz alta, mais tem que ter todo um cuidado na hora da leitura para que as crianças fiquem atentas ao enredo. Quanto a esse aspecto, Sisto, (2012, p. 107), aponta que “o contador de histórias tem um poderoso instrumento para contar suas histórias: sua própria voz. Mas precisa estar atento, acostuma-se a ouvir-se, a apreciar os timbres e nuances da sua e das vozes que o cercam”. O contador de histórias, seja contando ou proferindo, tem um papel importante nessa troca de experiências e de encantamento, através da voz, faz o público apreciar cada cena ou parágrafo lido como se fossem parte da história, e a importância de no decorrer da contação explorar as imagens mostrando aos alunos para que continuem acompanhando a história de forma dinâmica.

Nesse sentido, a mediação da história foi realizada, usando os recursos próprios de uma proferição. Após a leitura, foi realizado o momento de pós-leitura, em que foi perguntado aos alunos se eles gostaram da história? Do que a história falava? Quais partes da história lhe chamou a atenção?

As crianças mostraram ter gostado da história e enfatizaram que essa tinha sido a segunda história que ouviram que tinha personagens negros como principal e que exaltavam na obra a cultura africana, enfatizaram que a outra história que ouviram também em um encontro do projeto, algo que nos chamou a atenção, pois eles observaram que poucas obras literárias que tiveram contato eram construídas de acordo com o contexto da história do **pequeno príncipe preto**.

Outro aspecto interessante foi que as crianças comentaram que já conheciam sobre a árvore baobá, que representa a riqueza da cultura africana e o personagem tinha o desejo de espalhar ela por todos os lugares. Uma das falas que chamou a atenção foi o momento que umas das crianças disse 'Durante a história eu estava viajando pelos planetas como o príncipe', ou seja, ela mergulhou na história e participou de cada momento por meio da imaginação.

A mediação de leitura com a obra **o pequeno príncipe preto** conduziu a uma discussão guiada pela reflexão que a própria obra traz consigo, que além da importância da formação leitora, temos de estar atentos(as) as leituras que elevam o negro nesse espaço literário, pois foram excluídos ao longo dos séculos, deixando assim, muitas crianças crescerem com os contos de fadas que ajudam no desenvolvimento da criança, mas a criança negra sempre teve que se contentar em ter seus personagens preferidos sem nenhuma característica física que se assemelhasse a elas, ou seja, a falta da representatividade negra nos personagens principais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do observado concluímos que a literatura negra ainda não está presente nas salas de aula como deve, tendo em vista que o contato que as crianças participantes da mediação tiveram com obras com protagonismo negro, foi no projeto BALE Mirim, e não em uma sala de aula, que segundo a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, enfrentou diversos desafios e obstáculos ao longo dos anos.

Um dos principais desafios tem sido a resistência de alguns setores da sociedade e até mesmo de instituições educacionais em aceitar e adotar efetivamente as mudanças propostas pela lei. Além disso, a falta de formação adequada dos professores para abordar de forma adequada e sensível os temas relacionados à história e cultura afro-brasileira também tem sido um obstáculo significativo.

Para superar esses desafios, é essencial investir em programas de formação continuada para os professores, proporcionando-lhes ferramentas, recursos e conhecimentos necessários para integrar de maneira eficaz os conteúdos da Lei 10.639/2003 em suas práticas pedagógicas. Além disso, é importante promover uma maior conscientização e engajamento por parte dos gestores escolares, incentivando a criação de políticas internas que apoiem a implementação plena da lei.

Outra alternativa seria a elaboração de materiais didáticos diversificados e inclusivos, que contemplem a diversidade étnico-cultural do Brasil e ofereçam representações positivas e precisas da

história e cultura afro-brasileira e africana. Esses materiais devem ser acessíveis e adaptáveis às diferentes realidades e contextos educacionais, garantindo assim uma abordagem mais inclusiva e representativa dentro das salas de aula.

Além disso, é fundamental envolver a comunidade escolar, incluindo alunos, pais e responsáveis, em discussões e atividades que promovam a valorização e o respeito à diversidade étnico-cultural, criando um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos. Essas medidas podem contribuir significativamente para superar os desafios e obstáculos na implementação da Lei 10.639/2003, promovendo uma educação mais inclusiva e consciente da diversidade cultural brasileira.

Embora o Ministério da Educação esteja enviando livros literários de autorias negras, que abordam a cultura e valorização do negro, e têm personagens principais negros, nas escolas é necessário um esforço adicional. Precisamos de mais professores leitores e formadores de leitores, que incorporem essa diversidade no currículo, elaborando planos de aula que incluam a literatura infantil, especialmente a literatura negra. Essa abordagem cuidadosa pode ajudar a derrubar preconceitos e permitir que as crianças compreendam a importância do respeito étnico-racial. Dessa forma, formamos cidadãos conscientes da necessidade de respeitar e valorizar as diferenças, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Salientamos a importância de usar como estratégia a contação de histórias, possibilitando que as crianças consigam de forma lúdica aprender a respeitar as diferenças em uma sociedade heterogênea, cuja base foi construída com a mistura de tantos povos, fazendo com que o Brasil seja essa mistura de cores lindas, em que todos merecem viver dignamente e serem respeitados como seres humanos, respeitando as nossas diferenças.

Portanto, sabemos a grande relevância desse trabalho, como também a importância de mais trabalhos nessa perspectiva, para que a literatura infantil em especial a literatura com protagonismo negro chegue no chão de todas as escolas, e que as famílias possam também está incentivando a leitura e ao mesmo tempo trabalhando essa representatividade do negro nos livros literários, para que no futuro possamos ter uma sociedade mais justa, solidária e sem preconceitos, onde todos/as possam ser tratados/as igualmente independentemente da cor de pele ou classe social.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004.
- BEDRAN, Bia. **A arte de contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secad. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica**. Brasília: MEC, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustração Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lina. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTD\]bxc/abstract/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTD]bxc/abstract/?lang=pt)  
Acesso em: 28 abr. 2024.

GRAVES, Michael F.; GRAVES, Bonnie B. A experiência de leitura em andaimes: uma estrutura flexível para ajudar os alunos a tirar o máximo proveito do texto. **Leitura**, v. 29, n. 1, pág. 29-34, 1995.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb** (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n. 5, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico** São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Renata Junqueira; SILVA, Kenia Adriana de Aquino; MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. **Ler e ensinar: contar e dizer histórias**. Presidente Prudente, SP: C. de A. Campos, 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em: 30 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 15 de abril de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/12077>

<sup>i</sup> **Francisca Joilsa da Silva**. Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UERN); Membro do grupo de pesquisa GEPPE; Voluntária do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN).

*Curriculum Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6815742763026977>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8706-7579>

E-mail: [joilsasilva@hotmail.com](mailto:joilsasilva@hotmail.com)

<sup>ii</sup> **Kivia Pereira Queirozii**. Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UERN); Membro do grupo de pesquisa GEPPE; Voluntária do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN).

*Curriculum Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/5755208981940584>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1366-4941>

E-mail: [kviapereira1@gmail.com](mailto:kviapereira1@gmail.com)

<sup>iii</sup> **Keutre Gláudia da Conceição Soares.** Doutora em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professora permanente do Departamento de Educação, e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) do Campus Avançado de Pau dos Ferros/UERN. Membro do grupo de pesquisa GEPPE; Coordenadora do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6299512351221422>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2158-5063>

E-mail: [keutresoares@uern.br](mailto:keutresoares@uern.br)